

O pragmatismo na obra de Émile Durkheim “Sociologia, pragmatismo e filosofia”: perspectiva de análise, críticas e contribuições do autor

Leoni Maria Padilha Henning¹

Universidade Estadual de Londrina/UEL
henning@sercomtel.com.br

Resumo: Este estudo focaliza a obra de Émile Durkheim *Sociologia, pragmatismo e filosofia*, explorando as críticas do autor diante das teses pragmatistas, num esforço de entendimento das suas idéias com base na sua perspectiva de análise, explicitando, ainda, as suas contribuições para o debate acerca do pragmatismo. Devido à sua formação intelectual calcada na tradição positivista, espera-se apreender deste estudo elementos importantes presentes nos debates entre positivistas e pragmatistas, principalmente aquele ocorrido na transição dos séculos XIX e XX. Embora nos pareça interessante este trabalho do ponto de vista filosófico *per se*, sua relevância torna-se inegável na medida em que esta contenda intelectual se deu entre duas das mais importantes doutrinas filosóficas que influenciaram os nossos intelectuais brasileiros. Tal influência é evidente no decurso da fundação da nossa República e, conseqüentemente, na formação das nossas instituições, destacando-se a educação no Brasil e seus teóricos mais eminentes. Com isso, procura-se oferecer alguns subsídios para os estudos que tenham como meta desfazer os nós teóricos que ainda hoje provocam nossa atenção, uma vez que continuam a gerar inúmeras dificuldades e equívocos teóricos. Embora tais contribuições possam decorrer da presente análise, motivando estudos resultantes dos questionamentos apresentados e das lacunas provocadas até pelos necessários limites da proposta, o seu ponto focal se constitui na elaboração de uma atenciosa resenha da obra do autor francês, recuperando o seu valor em relação aos pontos de contato das duas doutrinas e, particularmente, buscando captar a interpretação de Durkheim com respeito ao pragmatismo construída a partir da sua visão positivista.

Palavras-chave: Pragmatismo. Positivismo. República Positivista. Educação Pragmatista e Positivista.

Pragmatism in the book written by Durkheim “Sociology, pragmatism and philosophy”: perspectives of analysis, critiques and contributions

Abstract: *This study focuses on the book **Sociology, pragmatism and philosophy** which is compounded by some of Émile Durkheim’s writings. It explores the critiques made by the author about the pragmatist thesis, by making the efforts for understanding the author’s ideas from his perspectives of analysis, and also, by clarifying the author’s contributions for the debate about pragmatism. Because his formation, based on the positivist tradition, it is expected from this study the apprehension of the important elements of positivism itself, present in the debates between positivists and pragmatists, specially those that occurred in the transition of the 19th and 20th Centuries. Even though this study seems very interesting from the philosophical point of view *per se*, its relevance becomes unquestionable in the sense that this debate occurred in that time in which Brazilian Republic was formed and was influenced by these ideas. In addition to that, the influence of these two doctrines is evident in the development of our institutions, specially, education and its eminent educational theorists. Thus, this study intends to offer some ideas for other works that have as objective undo some theoretical knots that deserve our attention until today, since they continue to generate many difficulties and theoretical mistakes. Although such contributions can result from the present analysis by motivating studies emerging from questions and gaps provoked also by the necessary limits of this project, its principal focus is to elaborate an accurate report on Durkheim’s book and to recuperate its value regards the common points between the two doctrines and, particularly, seeking to apprehend Durkheim’s interpretation of pragmatism from his positivist vision.*

¹ Formada em filosofia pela Universidade Federal do Paraná e pós-graduada na Universidade Estadual do Mississippi, Universidade Estadual de Iowa e Universidade Estadual Paulista. Docente das disciplinas filosóficas no Departamento de Educação da Universidade Estadual de Londrina. Coordenadora do Programa de Mestrado em Educação. Líder do Grupo de Pesquisa “Pragmatismo e positivismo e suas relações com a educação”.

Key-words: *Pragmatism. Positivism. Positivist Republic. Pragmatist and Positivist Education.*

* * *

Introdução

É fato extensamente conhecido a forte influência do pragmatismo e do positivismo na formação da cultura brasileira, através da penetração destas doutrinas na ambientação intelectual, política e educacional, cujas personalidades se envolveram, de algum modo, no debate, que se fazia sentir nos grandes centros filosóficos da Europa e Estados Unidos, do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX.

A obra de Émile Durkheim (1858-1917) intitulada *Sociologia, pragmatismo e filosofia* na edição portuguesa, demonstra exatamente a efervescência das idéias geradas no âmago das duas doutrinas, mas que provocam constrangimentos filosóficos, uma vez que a filosofia passa a ser confrontada por uma nova disciplina, a sociologia, que confortavelmente se acomoda e viceja no ideário das 'ciências positivas' segundo a proposta da doutrina positivista.

No caso deste estudo, tratamos de colocar no centro de nossa atenção uma coletânea de escritos de Durkheim que, em sua primeira parte, apresenta vinte lições acerca do pragmatismo proferidas pelo autor em cursos realizados nos períodos de 09 de dezembro de 1913 a 12 de maio de 1914. A segunda parte da obra traz alguns textos que foram apresentados em congressos e em outras situações de discussão e que ocorreram entre os anos de 1898 a 1911, em cujos contextos o autor expõe e defende as suas principais teses.

Entendemos assim, que se trata de uma obra de extrema grandeza teórica uma vez que promove o debate entre as duas doutrinas, focalizando os seus conceitos mais centrais confrontados pelos seus principais representantes, se configurando num trabalho complexo e de trato exigente ao leitor pela trama das idéias apresentadas. Muitas contribuições poderiam resultar de uma leitura atenta sobre a referida obra, já que nos parece evidente as possibilidades de incitamento a inúmeros problemas a serem estudados a partir da discussão promovida pelo seu autor.

Justificativa de Durkheim ao abordar o pragmatismo

As primeiras impressões de Durkheim acerca do pragmatismo são suficientes para que ele tome a sério a doutrina, tratando-a com acuidade analítica e elaborando cuidadosos argumentos. Reconhece-lhe o *status* de ser a única teoria da verdade existente à época e, ainda, de se aproximar da sociologia, uma vez que, como ela, se debruça sobre a 'vida' e a 'ação'. Embora sendo a sociologia e a doutrina pragmatista, contemporâneos e apresentarem interesses comuns, o pragmatismo, aos seus olhos, parece constituir-se numa ameaça a toda cultura ocidental e, em particular, à cultura francesa. Sua preocupação recai, principalmente, na insistente posição do pragmatismo em relação ao racionalismo e às posturas intelectualistas.

Desse modo, embora o pragmatismo tenha contribuído para estremecer as posições racionalistas tradicionais mostrando suas inconsistências, parece fomentar uma espécie de irracionalismo perigoso, segundo o autor. Assim, Durkheim lança

questionamentos como: o que seria da França sem o cartesianismo? E, se aceitarmos as propostas pragmatistas, parece-lhe necessário revisarmos praticamente toda a tradição filosófica, com exceção da sofística - o que, para o autor, seria um absurdo.

É assim que Durkheim se dedica a analisar as teses pragmatistas - não obstante o reconhecimento da carência de um eixo central da doutrina - recorrendo aos seus principais representantes e tentando remontar às suas origens. Para ele, o pragmatismo não se constitui num sistema de idéias bem articulado. Seria, antes, um movimento, uma atitude diante do mundo e da vida, uma teoria da verdade e do universo ou, ainda, um método que nos leva a avaliar as conseqüências e resultados práticos em relação a uma concepção adotada ou aos problemas sobre os quais investigamos.

Efetivamente, nos anos em que elaborou os referidos cursos, o autor já havia construído um arcabouço de idéias sustentadas no positivismo, doutrina proposta por Auguste Comte (1798-1857) que apresentava um projeto de regeneração social fundado num 'sistema de filosofia positiva', em que a ciência ganhou contorno muito bem definido e uma importância singular. De modo que não podemos nos descuidar da perspectiva positivista do autor ao analisar as teses pragmatistas, tentativa a qual, nos empenharemos a realizar.

Combate pragmatista ao racionalismo e ao dogmatismo

Segundo Durkheim, desde as origens do pragmatismo, nas quais se destaca a figura de Friedrich Nietzsche (1844-1900), há um enfrentamento do racionalismo. Os pragmatistas negam a força dos juízos lógicos; admitem o espírito livre diante da verdade; recusam o caráter de verdade universal e impessoal, associando a utilidade ao que é verdadeiro², oferecendo um sentido realista e prático ao homem diante do mundo.

Este sentido prático da vida expresso na concepção de um homem que se define pela ação, é bem ilustrativo nas idéias de Charles Sanders Peirce (1839-1914), que situa a dúvida, as idéias, as crenças e os hábitos num processo seqüencial das ações humanas, numa tentativa do autor propor uma desestabilização das explicações metafísicas ou verbais. Para recuperarmos o pensamento de Peirce numa tentativa de entendermos o que Durkheim quer evidenciar, podemos ilustrar com James: “[...] Peirce, após salientar que nossas idéias são, realmente, regras de ação, dizia que, para desenvolver o significado de um pensamento, necessitamos apenas determinar que conduta está apto a produzir: aquilo é para nós o seu único significado” (JAMES, 1974, p. 10).

Desse modo, o autor francês chama a atenção para o cerne do confronto pragmatista em relação ao racionalismo que é expresso por William James (1842-1910), o qual ressalta o aspecto dogmático do racionalismo ao associar a verdade de uma idéia à sua expressão fidedigna da coisa representada, como se a idéia devesse se constituir numa cópia correspondente à coisa, para que, então, fosse reconhecida como verdadeira. Nessa concepção, o espírito não cria, mas copia, pois a verdade, vindo de fora, se impõe ao homem de modo absoluto e universal.

Diante disso, James sai à frente objetando que, ao contrário do que acima foi colocado, a verdade deve ser uma adição ao fato, um acréscimo feito à realidade pelo

² A esse respeito remetemos o leitor à nota 2, momento em que esta associação se torna um pouco mais exaustiva.

espírito humano, para que assim se constitua numa utilidade, num resultado merecedor do esforço do homem em seu desejo de conhecer. De que adianta se o homem apenas contemplasse a realidade? O que disso resultaria? Para que serve então, a verdade?! – são inquietações apontadas pelo pragmatista. Para esclarecermos sobre a posição de James quanto a esta questão, citamos:

[...] A grande suposição dos intelectualistas, entretanto, é que a verdade significa essencialmente uma relação estática inerte. Quando se chega à idéia verdadeira de alguma coisa, chega-se ao fim da questão. Está-se em posse; *sabe-se*; preencheu-se um destino de meditação ... Epistemologicamente, está-se em equilíbrio estável.

O pragmatismo, por outro lado, faz a sua pergunta habitual. ‘Supondo-se que uma idéia ou crença seja verdadeira’, diz, ‘que diferença concreta, em sendo verdadeira, fará na vida real de alguém?’

No momento em que o pragmatista faz essa pergunta, já tem a resposta: *As idéias verdadeiras são aquelas que podemos assimilar, validar, corroborar e verificar. As idéias falsas são aquelas com as quais não podemos agir assim* [...] A verdade de uma idéia não é uma propriedade estagnada nessa idéia. *Acontece* ser a verdade uma idéia. Esta *torna-se* verdadeira, é feita verdadeira pelos acontecimentos (JAMES, 1974, p. 24).

Essas idéias de James não podem ser compreendidas se não considerarmos ainda, que as noções de verdade e de falsidade são ligadas aos modos de conexão das experiências, cujos momentos podem ou não conduzir-nos a algo que nos valerá a pena.

Desse modo, Durkheim destaca que o pragmatismo, tal qual expresso por James, rejeita a idéia de que o homem apenas seja o descobridor da verdade. Ao contrário, a capacidade criadora humana permite que o homem nomeie, classifique, reorienta, inovando a realidade a partir de sua consciência criadora. Os juízos mudam o caráter do futuro apontando para uma realidade moldável, a qual não se encontra circunscrita a limites intransponíveis à inteligência humana. Assim, à medida que o homem se vê desafiado pela realidade, torna-a cada vez mais desenvolvida com suas experiências.

Deste ponto da argumentação pragmatista, Durkheim retira uma idéia com a qual concorda mas, em relação à qual, apresenta algumas precauções posteriores. Assim, concorda com a afirmação de que: “[...] o pensamento, ligado à ação, cria, de certo modo, a própria realidade” (DURKHEIM, 1914, p. 41). Contudo, alerta: “Não confundamos enriquecimento da verdade (ou do real) com fugacidade da verdade” (*Ibid*).

Durkheim encontra um ponto comum entre os pragmatistas, que é traduzido nessa atitude de combate ao racionalismo e ao dogmatismo tradicional, uma vez que estes estabelecem que a verdade é objetiva, transcendente, impessoal e universal sendo considerada verdadeira a idéia que se apresentar como cópia de algo exterior: a coisa, a Idéia (como em Platão ou Hegel), os conceitos e assim por diante.

Em contrapartida, os pragmatistas objetam a noção de verdade-cópia com um segundo argumento, a saber: como se relacionariam o imanente e o transcendente? Por que haveria de o transcendente voltar-se a uma realidade que lhe é exterior? Logo, não há sensatez nessa proposição; a única saída seria a não aceitação de mundos cujo fôss

seria intransponível. Para os pragmatistas, não há oposição de aparências *versus* realidade mas, um único mundo que se manifesta do jeito que o vemos. O empirismo radical de James salienta que as experiências imediatas é que contam para um pensamento que se move num único plano junto à ação.

Diante do problema, John Dewey (1859-1952), outro importante pragmatista norte-americano, afirma que a concepção de verdade-cópia levaria à falência do conhecimento, pois, como conseguiríamos a façanha de comparar a verdade interior, produto do pensamento, com aquela que em relação a nós estaria transcendente? Como nosso espírito se atrairia por algo tão estranho à sua própria natureza?

Os dualismos decorrentes da noção de verdade-cópia, a saber, mundo interior e mundo exterior, existência e pensamento e outros afins, só seriam solucionados segundo a visão pragmatista, com a recuperação dos liames necessários entre pensamento e ação em que grassa a vida de forma complexa e objetiva. A Verdade com V maiúsculo não poderia ser o objetivo das buscas e das respostas aos problemas humanos, pois sendo abstrata exigiria um intelecto puro para apreendê-la, o que parece insustentável aos pragmatistas. Para eles, a verdade é situada concretamente, não havendo também, a intelecção pura, separada da vida. Além disso, a verdade, sendo invenção humana, e não transcrição fiel da realidade, apresenta diferentes atributos, a saber, é viva, maleável, mutável e provisória. Portanto, os pragmatistas objetam a crença dogmática de que a verdade seja una e imutável, ideal e invariável, noções que podem muito bem levar os indivíduos ao ceticismo, desistindo da vida plena de verdades reais e objetivas.

O pragmatismo não se desfaz da diversidade real presente no mundo humano, o que exige um espírito tolerante e uma concepção conciliadora com tal diversidade, não tendo sentido, portanto, uma noção de verdade una. Por que não admitirmos a possibilidade de diferentes verdades diante da realidade? Seria pois tal diversidade um obstáculo para a apreensão da verdade una? Mas para quê a diversidade existiria? – perguntam os pragmatistas.

Citando Ferdinand Canning Scott Schiller (1864-1937), Durkheim procura recuperar uma afirmação pragmatista que estabelece a insensatez em se atribuir independência, quanto aos fins humanos, de alguma verdade abstrata. Pois, ao separá-la da vida, tal verdade estaria desumanizando o conhecimento. Assim, para Schiller o dogmatismo, ao defender uma verdade com V, impessoal e extra-humana pois alheia ao próprio homem, impõe-nos idéias verdadeiras pelo seu caráter absoluto e, conseqüentemente, inquestionável - o que seria inaceitável. Nesse sentido, Durkheim, ilustra o pensamento de Schiller com a seguinte afirmação: “As exigências da verdade, como todas as outras, são sempre ‘exigências subordinadas a determinadas condições’” (SCHILLER *apud* DURKHEIM, 1913, p. 31).

Do mesmo modo, sendo o pensamento intencional e conduzido segundo os interesses dos indivíduos, a verdade é sempre dirigida com vistas a alguma outra coisa. O desenvolvimento pessoal se realiza por seleção e opções empreendidas pelo espírito humano, orientado que é pela intencionalidade. Esta impregna a atividade humana e permite um conhecimento que se processa e se atualiza comandado por estes interesses

(que são dirigidos pelas intenções presentes nas ações), em vista do fim que está para ser concretizado.

Outra objeção feita pelos pragmatistas à concepção dogmática da verdade retoma a visão kantiana segundo a qual, a sensibilidade racional produziria uma forte satisfação no estado de contemplação do indivíduo diante da lei verdadeira, decorrendo disso a sua submissão a ela de maneira justa. Os pragmatistas rejeitam a idéia da contemplação da verdade defendendo as finalidades práticas do homem, cuja ação e intelecto apresentam funções práticas seriamente comprometidas com a vida.

Além dos perigos já apontados pelo pragmatismo, acerca da concepção dogmática de verdade impessoal, una e exterior à vida, a saber, os riscos de intolerância com a diversidade, um ceticismo paralizador diante da vida, um conhecimento desumanizado por desconsiderar a realidade objetiva, acrescenta-se mais outro: o perigo do conformismo, pela crença de que a verdade seja a mesma para todos.

Na verdade, os pragmatistas insistem na única crença possível: só podemos contar com o humano. A necessidade de certezas, de segurança intelectual, códigos de leis rigorosas, verdades pré-estabelecidas foram impostas aos homens pelos dogmáticos racionalistas. Tais fantasias enfraquecem o que é próprio da vida tal como a mutabilidade e a plasticidade que fazem do universo uma realidade inacabada em elaboração constante.

Conforme a concepção pragmatista, como bem representa Schiller (*apud* DURKHEIM, p. 72), a verdade serviria como uma etiqueta aprovadora de algo para acentuar o valor da experiência, registrando a validade daquele conhecimento que, pela ação humana movida diante das instigações que o mundo apresenta, considera a idéia que efetivamente corresponda aos problemas e aos interesses humanos em solucioná-los. Ou seja, aquela idéia que favorece a ação é considerada verdadeira.

A proximidade da noção de verdade com a noção de utilidade incomoda Durkheim³, que chama a atenção para a falta de diferença essencial, nesse caso, entre verdade e moral: o justo passa a ser considerado pelo que é mais útil para a conduta, enquanto que o verdadeiro é tomado pelo mais vantajoso ao pensamento. Além disso, o autor acentua que não teríamos meios de verificarmos a correlação do verdadeiro ao útil. Deveríamos convalidar todas as noções tomadas por verdadeiras com a utilidade de suas asserções? Para Durkheim, há um utilitarismo lógico permeando a tese pragmatista que nos assegura: 'o verdadeiro é o útil', já que não estabelece o que seja próprio à verdade em si mesma, mas aponta ao que ela deva se constituir. Mas como saber se a noção em construção seja mesmo esta espécie de ideal apontado pelos pragmatistas?! Em decorrência dessas reflexões, Durkheim conclui, convencido de que o único

³ Com respeito à questão da identificação da verdade com o útil, é preciso notar que essa identificação, tal como defendida por James, é muito mais complexa do que apresenta Durkheim. Na verdade, James afirma que o 'verdadeiro é útil', o que não é o mesmo que dizer que 'o útil é verdadeiro'. O 'verdadeiro é útil' porque nos possibilita passar de um fluxo de experiência a outro – idéia esta já apresentada anteriormente. Crenças falsas nos emperram e atravancam o caminho, fazendo com que estagnemos e não consigamos relacionar experiências. Para ilustrarmos mais uma vez essa posição pragmatista, citamos James na seguinte passagem: "[...] o pragmatismo pega a sua noção geral de verdade como alguma coisa essencialmente ligada à maneira pela qual um momento em nossa experiência pode levar-nos a outros momentos aos quais valerá a pena ser levado. Primariamente, e ao nível do senso comum, a verdade de um estado de espírito significa a função de uma *condução que vale a pena*. Quando um momento em nossa experiência, seja lá de que tipo for, inspira-nos com um pensamento que é verdadeiro, isso quer dizer que, mais tarde ou mais cedo, baixaremos com a guia daquele pensamento às particularidades da experiência, de novo, e estabeleceremos vantajosas conexões com as mesmas" (1974, pp. 25-6).

método para a explicação desses fenômenos seja mesmo o sociológico, cuja fundamentação científica leva à observação e tradução da realidade.

Com efeito, as críticas e objeções dos pragmatistas em relação ao racionalismo e ao dogmatismo parecem se constituir a espinha dorsal traçada por Durkheim para expor as teses pragmatistas, analisá-las e contra-argumentá-las, quando necessário. Desse modo, os pontos destacados a seguir, não dispensam o pano de fundo do racionalismo em que figuram as noções aqui selecionadas e indicadas pela leitura da obra em questão, e que são apresentadas para elucidar e enriquecer o debate proposto.

Concepção pragmatista pluralista da realidade

Em relação às teses pragmatistas defensoras do pluralismo, podemos adiantar que elas preparam um argumento fundamental apresentado por Durkheim em respeito à socioContrariamente aos racionalistas, que defendem o ponto de vista monista da realidade, em que o todo prepondera sobre as suas partes constitutivas, perfazendo um sistema harmônico e articulado, os pragmatistas entendem as partes como componentes autônomos, cuja independência garante a mutabilidade, a transformação e o respeito à diversidade e à contingência. Há uma efetiva liberdade de ação das partes dentro do todo, a ponto de James defender que o mundo seja “um universo desordenado”, posição contrária à crença na rigidez e fixidez atribuída à realidade pelos racionalistas (JAMES *apud* DURKHEIM, 1914, p.45). Desse modo, cada coisa pode realizar combinações múltiplas complexificando o mundo progressivamente. Nada na realidade pode ser considerado como algo simples. Portanto, partindo-se do pressuposto de que há uma ampla variedade de espíritos, a verdade jamais poderia ser considerada una. Mas, desconfiado, Durkheim desafia com uma questão que poderia ser assim traduzida: para haver progresso, não deveríamos desconsiderar as diferenças individuais *per se*? A verdade, como querem os pragmatistas, seria dependente dos indivíduos?!

No entanto, de acordo com o pragmatismo, o pluralismo não pode ser visto como a negação definitiva da unidade do mundo. Ao contrário, há uma unidade, que é flexível, multiforme, composta por múltiplos elementos que podem se relacionar de múltiplas formas e de modo constante.

As relações unidade-multiplicidade ou todo-parte transferidas à noção de sociedade-indivíduos, podem apontar para uma idéia defendida por Durkheim que estabelece que os indivíduos não podem viver fora da sociedade que os transcende e que lhes dá razão de ser. Os indivíduos a desejam pelo fato dela se lhes apresentar como autoridade moral, conferindo-lhes algo de obrigatório. Ao negar a sociedade, os indivíduos negam a si próprios. Além do mais, as representações coletivas de um povo ou de um grupo social denota o que se pensa em comum, advindo a força de sua verdade não dos indivíduos isolados, mas da energia psicológica da coletividade. Daí concluir-se que a verdade se impõe como representação coletiva, pois, por se revestir de prestígio, atrai a todos e se instala nas consciências individuais.

Este conceito apresentado por Durkheim aponta para a noção de Humanidade, idéia angular no pensamento comtiano. Assim, cada indivíduo deve regular as suas ações e crenças pela idéia abstrata de Humanidade, cuja dimensão abarca aqueles que se destacaram no passado pela nobreza de caráter e pelas virtudes *positivas* sendo, portanto, dignos de serem reverenciados e de dirigirem a sociedade humana para um estágio superior de civilização.

Mas é num tom de sarcasmo que Durkheim argumenta com respeito ao pragmatismo o qual, segundo ele, apresenta uma variedade de sentidos e de denominações denotando com isso, a simpatia dos seus adeptos em relação à noção de pluralismo.

Relações do pensamento com a realidade

Se aceitarmos o dualismo entre o pensamento e as coisas, resta-nos um dilema: como estabelecer os vínculos efetivos entre o abstrato e subjetivo com o concreto e objetivo?

Para Durkheim, tendo sido inspirado pelo intuicionismo de Henri Bergson (1859-1941) James ataca o intelectualismo⁴ e defende a impossibilidade de o conceito apreender o movimento que atinge os nossos sentidos, não podendo desse modo exprimir com precisão a mudança que ocorre na realidade. O conceito definido, distinto, isolado e preciso, não apreende a transformação constante e real, mas dá conta, simplesmente, de um aspecto da coisa definida. Todavia, a vida apresenta uma trama de relações - o que não permite que apenas um conceito possa apreender a manifestação do todo, o qual, então, é composto por esta rede de relações. O conceito se ocupa somente de um aspecto desses elementos que, na verdade, estão em constante atividade. O pensamento conceitual processa-se superficialmente, sendo incapaz de penetrar na realidade profundamente e de forma definitiva. Assim, vemos mais uma vez um argumento pragmatista confrontar-se com a idéia de verdade-cópia, avessa à dinâmica da vida⁵.

Na verdade, os pragmatistas defendem a existência de uma integração de elementos no processo ativo da consciência que, com o mundo, constitui uma totalidade. Com isso, rejeitam peremptoriamente a separação entre pensamento, de um lado, e as coisas de outro. Se retirarmos da consciência o seu conteúdo o que encontraríamos? – pergunta James. Em consequência, há a negação de um outro dualismo presente nesse campo de idéias, a saber, sujeito e objeto que, na visão pragmatista, aparecem num mesmo plano de realidade. Assim, na percepção sensível, o objeto percebido e a representação que dele temos, constituem uma mesma totalidade. Do mesmo modo, o conteúdo do conceito não se distancia efetivamente da realidade, mas apresenta fragmentos da experiência que o alimenta. O conceito é entendido pelas relações que estabelecem com a realidade. “A verdade é uma relação, não das nossas

⁴ Na verdade, é James quem influencia Bergson nesse ponto e, depois, retoma suas idéias depois de remodeladas por Bergson. No mínimo, há uma influência mútua, e é difícil dizer de quem parte essa crítica ao intelectualismo, já que a filosofia de James, antes de ele mesmo definir seu pragmatismo, é recheado de críticas aos intelectualismos e racionalismos filosóficos. Em relação a este ponto, torna-se evidente que, no caso acima, trata-se da leitura de Durkheim. Como exemplo dessa ligação James-Bergson interpretada por Durkheim na obra em questão, citamos: “Le principe même du Rationalisme ne semble pas, atteint, ai-je dit, par la critique pragmatiste. Cette critique porte surtout contre la notion de la *vérité-copie*. Mais pourquoi la pensée vraie ne serait-elle pas la copie elle-même variable d'un modèle variable ? Est-il évident d'ailleurs qu'il suffise de dire qu'une copie, en tant que redoublement du réel, est inutile ? Il ne s'agit pas de savoir si elle est utile, mais si elle est vraie. Il faudrait prouver, pour établir la thèse pragmatiste, disais-je em terminant, qu'il existe une hétérogénéité essentielle entre la pensée et le réel. Cette démonstration, JAMES l'a tentée dans le chapitre VI de son *Univers pluraliste (Philosophie de l'Expérience)* en s'inspirant des arguments de M. BERGSON. Ce chapitre est d'ailleurs intitulé *Bergson et sa critique de l'intellectualisme*” (Esta citação de Durkheim, na versão portuguesa de *Pragmatisme et sociologie e sociologie et philosophie* se encontra à página 47).

⁵ O leitor poderá encontrar exemplo dessa idéia em James, 1974, às páginas 23-24

idéias com realidades extra-humanas, mas partes conceptuais com partes sensíveis da nossa experiência” (JAMES *apud* DURKHEIM, 1914, p. 75). Defendendo o princípio de continuidade, os pragmatistas entendem que exista, sim, algo do objeto na consciência do sujeito, havendo na verdade um prolongamento do mundo na sensação, o que provoca uma certa confusão entre sujeito-objeto. E Durkheim assevera: “É isso que explica o fato de James se atrever a dizer que os objetos exteriores se confundem com as representações que dele temos” (1914, p.73).

No entanto, aos olhos dos intelectualistas, a estabilidade e a unidade representada pelos conceitos, parecem ser superiores em relação às experiências sensíveis. Diante disso, James nos aconselha através destas idéias apresentadas nesta paráfrase: “Temos de nos inclinar perante os fatos, a realidade deve sobrepor-se à razão. Daí resulta pois, também, que o princípio de identidade e de não-contradição não se apliquem à realidade” (JAMES *apud* DURKHEIM, 1914, p.53).

Embora Durkheim, evidentemente, concordasse com a primeira parte da afirmação, não deixa de mostrar as lacunas dos argumentos de James, o qual, curiosamente, ao atacar o pensamento conceitual, utiliza-se dos princípios lógicos para elaborar a sua crítica, como por exemplo, “[...] com descontinuidade não se pode gerar continuidade” (JAMES *apud* DURKHEIM, p. 54).

De qualquer modo, os pragmatistas parecem concordar em sua crítica à posição racionalista, no sentido de que, esta insiste na possibilidade de uma relação harmoniosa entre o conceito e pensamento lógico com a realidade, embora o real se apresente confuso e complexo por natureza. É nesse ponto da argumentação que Bergson veio ao encontro dos pragmatistas, em especial James, para o qual o empirismo radical põe em relevo a experiência que transita continuamente na realidade e cujos vínculos estabelecidos com as coisas são sentidos concretamente. Nesse particular, há a negação de mundos divididos em experiência de um lado, e realidade, de outro; ou, do pensamento de um lado, e de outro, as coisas.

Of the ‘absolute’ reality which reason proposes to substitute for sensible reality I shall have more to say presently. Meanwhile you see what Professor Bergson means by insisting that the function of the intellect is practical rather than theoretical. Sensible reality is too concrete to be entirely manageable – look at the narrow range of it which is all that any animal, living in it exclusively as he does, is able to compass. To get from one point in it to another we have to plough or wade through the whole intolerable interval [...] But with our faculty of abstracting and fixing concepts we are there in a second [...] What we do in fact is to ‘harness up’ reality in our conceptual systems in order to drive it the better. This process is practical because all the termini to which we drive are ‘particular’ termini, even when they are facts of the mental order (JAMES, 1996, pp. 247-48).

Na verdade, os pragmatistas querem assegurar um posicionamento voltado à defesa de um único processo de conhecimento e de ação que inclua o pensamento e a realidade necessariamente⁶. Tal processo, próprio da vida, apresenta uma continuidade

⁶ Na verdade, não é possível fazer essa afirmação com relação a Peirce, por exemplo. E, entre James, Peirce e Dewey, por exemplo, não há concordância exata quanto ao que seja esse “único processo de conhecimento contínuo entre sensação, idéia e ação”.

perfeita entre os seus termos constitutivos: sensação, idéia e ação. A reflexão, contrariamente ao que pensam os intelectualistas, não é uma etapa do processo na conquista da abstração perfeita, mas é prática, resultando de um problema que certamente desencadeia transformações na realidade. O que está acabado adormece a consciência humana, enquanto o pensamento, que é igualmente ação, vai ao encontro das carências para o constante aprimoramento e transformação do mundo.

Porém, por confundirem pensamento e ação, Durkheim aponta para um grave erro no pragmatismo, a saber, a negação do caráter específico do conhecimento, do pensamento e da consciência. Para ele, há uma escala quanto às fontes de conhecimento, a iniciar pelas sensações, imagens, indo aos conceitos. A ação se automatiza podendo se constituir num hábito, o que demonstra que a consciência pode se retirar da ação, após se libertar.

Para o pragmatismo, segundo Durkheim, a verdade se constitui num poder criador em que a consciência em si pode orientar os planos de ação que são muito gerais e hipotéticos. O conhecimento propõe finalidades práticas para serem atingidas. Isto ocorre porque uma idéia verdadeira enriquece o nosso ser, facilita a nossa ação no mundo e, ao ser testada, podemos comprovar a sua funcionalidade, no sentido de nos tornar melhores, resgatando a harmonia do nosso ser perturbado pelo desequilíbrio momentâneo diante de um problema. Assim, a nova idéia é assimilada em nosso repertório intelectual, fomentando um sentimento de harmonia com o todo de nossa experiência. Dewey, inclusive, toma o estado de inquietude gerado pelo desequilíbrio frente a um problema, como causador do pensamento reflexivo, próprio dos humanos – sendo o aparecimento da consciência o resultado de suas próprias finalidades.

Mas, Durkheim duvida que um problema, uma inquietação ou uma incerteza promova o pensamento reflexivo, pois também há, na vida animal, uma espécie de reorganização resultante de um desequilíbrio frente ao mundo em que os brutos vivem, sem que haja certamente qualquer manifestação de reflexão. Além disso, o autor acusa os pragmatistas por enfatizarem excessivamente o aspecto pessoal dos desejos diante da verdade, e aconselha, então, a valorização das opiniões comuns como artifício necessário, devendo ser a plenitude de sua formação, realizada numa instância extra-individual. Desse modo, toda representação coletiva cria o seu caráter de objetividade se impondo aos indivíduos. Novamente vemos aqui uma aproximação ao conceito de Humanidade proposto por Auguste Comte.

Sugestões de Durkheim diante do pragmatismo

Ao combater o racionalismo, especialmente no que diz respeito à noção de verdade-cópia, o pragmatismo parece defender o gosto pela aventura diante de um mundo em mudança. Não se preocupando em estabelecer qualquer ideal conciso e coerente, aponta para um futuro sempre em construção e em cuja proposta, evidentemente, não caberia a noção de verdade-cópia, mas a atividade construtora do pensamento. Eis o que Durkheim deslinda a partir de seus estudos.

Com efeito, o autor reconhece que o pragmatismo entende a verdade como algo que pode ser analisado e explicado, já que é parte integrante da realidade viva das coisas concretas que são interligadas num processo contínuo de relações entre antecedentes e conseqüentes. De fato, o pragmatismo se constitui num esforço ímpar em compreender

a verdade e a razão, tornando-as realidades humanas que dependem de causas temporais e que provocam conseqüências num decurso contínuo de atividade, concorda o autor.

No entanto, para Durkheim, o pragmatismo pretende explicar a verdade enfatizando os aspectos psicológicos, subjetivos e individuais, cujos agentes efetuam experiências únicas. É nesse ponto que, para ele, a sociologia resolveria melhor os problemas indicados pelos pragmatistas, uma vez que ela permite explicações mais amplas, entendendo razão, verdade e moralidade como decorrentes de um devir, em cujo âmago se encontra o desenrolar do desenvolvimento da história humana.

A Sociologia é levada efetivamente a formular o mesmo problema quanto à aplicação do ponto de vista *histórico* à ordem das coisas humanas. O homem é um produto da história, logo, do devir. Nada existe nele que seja antecipadamente dado ou definido. A história não começa em parte alguma, e em parte alguma termina. Tudo o que no homem reside é feito pela humanidade, ao longo dos tempos. Por conseqüência, sendo a verdade humana, ela é igualmente um produto humano. A Sociologia aplica idêntica concepção à razão. Tudo o que constitui a razão, os seus princípios, as suas categorias, tudo isso se processa no decurso da história (DURKHEIM, p. 112).

Em contrapartida, o autor francês chama a atenção para algumas noções pragmatistas que incorrem em graves dificuldades, segundo a sua ótica de análise. Se, por exemplo, a experiência comporta somente um único plano de realidade, não haveria lugar para uma verdade universal, independentemente da sensibilidade e sensações individuais? Para ele, o fato de haver incomensurável diversidade de indivíduos no mundo, isso não implica em desconsiderarmos que haja algo, como as 'leis físicas', por exemplo, que permanecem verdadeiras, mesmo que a realidade mude. Desse modo, ao afirmarmos que a verdade se adapta aos diversos indivíduos e às situações particulares, não quer isso dizer que ela mude essencialmente!

Com efeito, por negar os dualismos, aponta Durkheim, o pragmatismo não difere a mentalidade resultante das experiências individuais daquela de cunho social e coletiva, dificultando alguns discernimentos necessários para a compreensão da realidade. Contrariamente, a sociologia, ao perceber o caráter superior dos aspectos sociais que confere à verdade, à moralidade e à razão algo de universal, oferece recursos intelectuais importantes e indispensáveis ao progresso humano. Assim, embora as coisas mudem, como querem os pragmatistas, disso não se segue necessariamente, que a verdade não possa se enriquecer ou se intensificar nesse processo. Os pragmatistas, no entanto, ao nivelarem experiência e verdade, entendendo a ação humana como mobilizadora de conhecimentos provisórios, confundem verdade e erro, já que este último é interpretado como prenúncio de verdade.

Diante desses impasses, Durkheim destaca como solução um certo relativismo fundado na relação entre o mundo físico e o homem, que é proposto pela sociologia. Assim, embora no mundo físico haja uma certa fixidez imperante, o homem está, ao mesmo tempo, sujeito à evolução o que, na verdade, se constitui num processo que vai se enriquecendo, pois é cumulativo. Assim, há leis muito antigas no universo que continuam válidas. Ao nível de sociedade, há a fusão de vários elementos que vão se acumulando, como por exemplo, os gauleses, os germânicos e os romanos que formam o povo francês. No entanto, há nisso a formação de uma síntese nova e original, uma autêntica construção criadora. Também as instituições mudam, embora permaneçam com a mesma função dentro das sociedades.

Desse modo, há uma aceitação parcial das teses pragmatistas por Durkheim, no sentido do reconhecimento da diversidade como condição da verdade, pois na ordem prática não há como negá-la. O pensamento teórico e especulativo varia conforme a prática que vai se constituindo no decurso da história.

Eis como se justifica, do ponto de vista sociológico, a tese enunciada pelo Pragmatismo. Não são algumas considerações abstratas ou de ordem metafísica que podem fornecer-nos uma explicação satisfatória. É a percepção mais viva que presentemente possuímos daquilo que a realidade humana é, no sentido da extrema variabilidade de tudo o que é humano (DURKHEIM, p. 119).

No entanto, Durkheim aponta para um exagerado subjetivismo nas soluções apresentadas pelos pragmatistas, os quais se aproximam, em certa medida, da idéia de que a verdade estaria associada ao elemento pessoal e afetivo, instância da subjetividade individual. E, então, pergunta: Seria a verdade algo tão individual, portanto, incomunicável e intraduzível? Para ele, se atribuirmos - conforme os pragmatistas sugerem - como critério de aferição do conhecimento aquele que o considera essencialmente um meio de obtermos bons resultados os quais, por conseguinte, são produtores de uma enorme satisfação humana, pergunta-se: como estabelecer um método seguro para garantir a todos este estado psicológico? Consideradas de modo particular e subjetivo, as verdades disputariam entre si, o que geraria certamente uma ineficiência assustadora!

Larry A. Hickman no entanto, expondo críticas similares de Horkheimer em respeito a Dewey, afirma com segurança diante dos ataques daqueles que qualificaram a teoria deweyana da investigação como subjetivista: “As considerações de Dewey sobre investigação não são subjetivistas. Pois ele argumentou que uma investigação exitosa sempre ocorre dentro de uma comunidade porque é somente nestas avenidas que as verificações e os testes podem ser realizados” (HOLINGER & DEPEW, 1995, p. 79).

Durkheim, parecendo desconsiderar a diferença entre o que é ‘subjetivamente desejável’ e o que é ‘objetivamente desejável’, pelo menos no pensamento de um dos ícones do pragmatismo clássico – apontado por Hickman em relação a Dewey – quer garantir uma posição definitivamente clara insistindo que *é preciso considerarmos o caráter necessitante, obrigatório, impessoal e objetivo da verdade representada na coletividade* - cuja representação baseada nas opiniões comuns somente a ciência expressa muito bem, propondo, por princípio, uma solução decisiva para os particularismos e as divergências.⁷

Assim, seguindo os ensinamentos de Comte para contribuir com o enfrentamento da anarquia pós-Revolução e pós-metafísica, à ciência é imputada a tarefa de resgate da unidade intelectual e entendimento entre os homens. Entendida como aquele conhecimento que retrata as coisas como elas são e como se elas fossem vistas por uma inteligência puramente objetiva, a ciência torna-se um conhecimento

⁷ Embora Durkheim em algumas passagens da sua obra se esforce por distinguir os diversos autores pragmatistas, nota-se em algumas situações um uso problemático de um mesmo designativo – pragmatista – já que o faz sob uma ótica homogeneizadora. É o que ocorre nesse caso. É possível afirmar a idéia acima, quando se trata de Schiller, mas é impossível dizer o mesmo quando se trata de Peirce ou Dewey, para quem a idéia de verdade como limite da investigação deve ser substituída pela de ‘assertividade garantida’. Quanto a James, seu problema não é o da verdade coletivamente estabelecida pela ciência, mas o da verdade empírica que baliza nossas crenças.

capaz de propor um repertório intelectual representativo da consciência comum. Para Durkheim, um dos equívocos de Comte foi dar à ‘filosofia positiva’ o papel importante como disciplina construtora de uma síntese do ‘sistema positivo’. Pois, para Durkheim, a filosofia jamais deixará de ser pessoal. Podemos constatar com isso, mais uma diferença do pensamento durkheimiano com os pragmatistas.

Desse modo, a filosofia não pode elaborar todos os conhecimentos científicos, uma vez que eles ficam na consciência coletiva. Para Durkheim, Comte exagerou quanto ao papel da filosofia e da ciência. No caso desta última, não é possível a generalização e a experimentação no mundo humano, pois nesta realidade há que se agir e que se viver tomando-se decisões nem sempre baseadas em verdades científicas tão objetivas. Assim, a representação coletiva sobre aquilo que é a sociedade, manifesta o conhecimento interior dos homens, para orientá-los. Como nos mitos, tal representação é unânime, forte e autônoma, apresentando uma fórmula aproximada aos dogmas religiosos e inquestionáveis. Tais são as noções de democracia, progresso e assim por diante. A ciência, tal como concebeu Comte, ainda não poderá reinar sozinha.

Diante da complexidade produzida pela diversidade dos espíritos, a função da verdade especulativa é a de alimentar a consciência coletiva. A verdade acrescenta efetivamente um mundo novo, mais complexo e humano, levando à civilização. Trata-se do caráter efetivamente social, forma superior de vida, que é acrescentado ao ser humano tomado como elemento psico-orgânico. A verdade é, portanto, estritamente social e marcada pelo humano, não devendo ser vista como transcendente e inalcançável. É, no entanto, superior às consciências individuais. “Ao mesmo tempo em que nos transcende [a sociedade], ela é nos interior, uma vez que só em nós e por nós pode viver” (DURKHEIM, 1914, p.114). Em assim sendo, podemos reconhecer o caráter obrigatório da verdade por apresentar-se como autoridade e norma para o pensamento do mesmo modo que o ideal moral é norma para a conduta.

Na vida da espécie humana, o que mantém as idéias, as representações, é a coletividade. Ora, devido às suas próprias origens, todas as representações coletivas se revestem de um prestígio mercê do qual elas se podem impor. Elas possuem uma energia psicológica maior do que aquela que emana do indivíduo. **É isso que faz com que elas se instalem vigorosamente na consciência. É lá que reside a própria força da verdade** (DURKHEIM, p. 141 – Nosso grifo).

O estado progressivo da sociedade significa uma diminuição da confusão e indiscriminação inicial, frente a um maior discernimento. De modo que vimos no decurso do desenvolvimento humano a diferenciação da ciência, filosofia e religião, por exemplo. A necessidade de distinção entre as coisas, é própria do espírito progressivo que, com a ajuda dos juízos e do raciocínio, pode apreendê-la pelo conceito. Mesmo que os pragmatistas neguem a possibilidade de o conceito apreender abstratamente o real em contínuo processo de mudança, Durkheim duvida que o movimento não apresente alguns pontos fixos, essenciais ao processo, a partir do qual surja o novo e o original, analogamente, como ocorre com o coletivo em relação aos indivíduos. Desse modo, o conceito possui fixidez que permite subsumir o mutável ao imutável, como é o caso da idéia de Pátria, por exemplo, que engloba todos os indivíduos de uma nação.

Com efeito, como quer Durkheim, o ‘fato social’ não é exterior ou transcendente à natureza, nem tampouco é estritamente material. Não se constitui num epifenômeno dos indivíduos, nem reside exclusivamente nas consciências individuais, mas se

apresenta como extrema generalidade em que os caracteres individuais divergentes se dissipam, embora cada qual carregue algo desta totalidade e esta, só sendo possível a partir dos indivíduos. Assim, a vida coletiva reside no substrato objetivo do mundo dos indivíduos, mas não é totalmente absorvida pelo mesmo. É, ao mesmo tempo, distinta e dependente, como a relação que podemos estabelecer entre a função e o órgão. Para além dos psico-sociólogos e dos naturalistas materialistas oriundos da sócio-antropologia, o autor propõe um naturalismo sociológico que se atém aos fatos sociais como fatos específicos. Ou seja, trata-se de um conjunto de fatos naturais que devem ser explicados por causas naturais que, embora aberto à ciência, ultrapassa alguns de seus domínios [naturais], pela complexidade da própria sociedade.

Um dos exemplos apresentados pelo autor, como ilustração dessa complexidade que existe na esfera social, é a formação da consciência moral. Não apenas a 'obrigação' diante do 'dever' constitui o ato moral, mas há um sentimento de desejabilidade que se apodera daquele que se apetece pela presença do Bem, o qual propicia a necessidade de comunhão com o próximo, como acontece analogamente com o sagrado. É a própria noção de sociedade diante da qual cada indivíduo se reconhece, o que denota a presença de uma autoridade moral. Assim, não podemos aceitar que seja o indivíduo o fim da moral, pois a idéia do 'dever' o reporta aos demais seres conscientes e pensantes com quem compõe a esfera da sociedade. Daí, a formação das regras morais que apresentam os caracteres da obrigatoriedade, da desejabilidade, da coletividade e da impessoalidade. Somente a ciência é capaz de garantir a subtração do senso comum empenhado na compreensão da moral, bem como toda a sorte de subjetivismo romântico, de apriorismo ou de misticismo – constituindo-se pois, numa razão coletiva e impessoal.

Para entender a sociedade constituída assim de aspectos muito complexos, Durkheim utiliza-se da observação dos fatos, não considerando de modo exclusivo a pura teoria. É a ciência que lhe permitiu apreender a realidade objetiva, levando-o a conferir as suposições, adquirindo provas e demonstrando sobre suas idéias conclusivas.

Porém, nos debates em que expõe o seu pensamento e seu método, o autor procura contribuir com os aspectos pedagógicos diante do ensino da moral que, para ele, não deve prescindir dos aspectos da vida e da ação considerando apenas o caráter teórico ou diletante acerca da moralidade. Para conhecer, investigar e compreender a moral, Durkheim confessa dispensar os filósofos e os moralistas preferindo, notadamente, a abordagem científica dos fatos sociais e morais. A contribuição dos filósofos que ocorre na prática, consiste da primazia que eles dão à reflexão, cujo recurso, para o autor, se constitui como um auxiliar aos contemporâneos, no sentido de através dela tomarem consciência de si mesmos. Porém, o emprego do método científico nos estudos da moralidade resultou na indispensável 'ciência da moral'. Assim, no que tange à moralidade, é a sociedade a origem, fonte e finalidade da moral e não, como equivocadamente pensam alguns, uma instância puramente subjetiva, um 'eu' – um substrato individual de alguma maneira intraduzível – tomado como ponto originário da moral.

Para Durkheim, a 'sociologia positiva' se propõe a investigar os fatos coletivos tomados como reais incluindo nessa categoria os ideais construídos pelo conjunto da sociedade, esta, que é assim compreendida pelo autor: "Numa palavra, a sociedade é a natureza, mas a natureza elevada ao mais alto grau de desenvolvimento, e concentrando

em si todas as energias para, de algum modo, se ultrapassar a si mesma” (DURKHEIM, 1911, p.272).

Considerações finais

A nosso ver, o debate sugerido nesta coletânea dos escritos de Émile Durkheim é importante para a interpretação das principais idéias inerentes ao pragmatismo e positivismo em si mesmos, como também, tal importância se estende em direção de uma compreensão mais pontual no que diz respeito à formação cultural, política e educacional brasileira. Ambas as doutrinas se constituíram numa profusão de idéias transitando não apenas nos salões das academias, mas também em ações verdadeiramente influentes na construção de nossa República e da nossa sociedade, a bem dizer, na construção de nossas leis, reformas educacionais, reivindicações públicas relativas ao trabalho, aos direitos e aos deveres dos cidadãos. O referido debate entre as duas doutrinas se constituiu, em alguns casos, num entrelaçamento de idéias que ainda merece a nossa atenção e realização de estudos mais completos e aprofundados. No caso brasileiro, em especial no Movimento da Escola Nova, iniciado na década de 20 e sendo fortalecido nos anos 30 do século XX, assistimos a uma convivência de intelectuais nutridos por um objetivo comum, a saber, modernizar a sociedade brasileira. As inquietações produzidas nesse ambiente efervescente de idéias foram traduzidas por personalidades como Anísio Teixeira (1900-1971), que se sustentou no pragmatismo, ou por Fernando de Azevedo (1894-1974), um simpatizante das idéias sociológicas de Durkheim, entre outros. Tratava-se, no entanto, de um momento peculiar na política brasileira em que o getulismo se encaminhou para o período do Estado Novo, onde muitos dos intelectuais envolvidos com o referido movimento tiveram os seus ideais interceptados pelas ações autoritárias de Vargas.

Por tudo isso, entendemos ter contribuído para o resgate desse debate ao recuperarmos alguns dos seus impasses teóricos presentes nesses escritos. A nosso ver, a referida obra se revela emblemática daquele período em que foi instalada a República brasileira, esta que apontou para um ideal em que a ordem e o progresso nem sempre nos pareceu uma relação facilmente compreendida, manifestando-se de maneira não pouco problemática.

Justamente por propiciar o referido debate, nos ativemos ao citado livro de autoria de Durkheim, num esforço de resenhar o conjunto de suas Lições e outros capítulos que constituem a presente obra. No conjunto das idéias que constituem este estudo, percebe-se que o seu autor se ocupa em definir o que seria para ele o pragmatismo. Além disso, argumenta enfaticamente em favor da superioridade da Sociologia como ciência que possibilita o entendimento e as ações presentes no movimento progressivo humano em direção de uma sociedade constituída de fatos reais, mas sobretudo, de ideais morais. Espera-se, com isso, recuperar a efervescência das idéias aqui referidas, as quais, pelo confronto apreendido no decorrer da leitura, poderão estimular outros estudos e projetos de pesquisa.

Referências:

DURKHEIM, Émile. *Sociologia, pragmatismo e filosofia*. Porto-Portugal: Rés-Editora, Ltda, s/d.

JAMES, William. *Pragmatismo*. Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril S.A. Cultural e Industrial, 1974.

----- . *A pluralistic universe*. Nebraska:University of Nebraska Press, 1996.

HICKMAN, Larry A. Pragmatism, technology, and scientism: Are the methods of the scientific-technical disciplines relevant to social problems? IN: HOLLINGER, Robert; DEPEW, David (ed.). *Pragmatism: from progressivism to postmodernism*. First Edition. Westport, Connecticut: Praeger Publishers, 1995, pp.72-87.